

PERSPECTIVAS SOBRE A APOSENTADORIA E O TRABALHO NA PÓS-APOSENTADORIA NA TERCEIRA IDADE: REVISÃO DA LITERATURA BRASILEIRA ENTRE 1994 E 2014

Graciele Gentil Ribeiro*

Caroline Stefane Souza Santos Bastos**

Rui Maia Diamantino***

Ana Maria Pedroso Garcia****

Resumo

Com o atual crescimento da população idosa e, conseqüentemente, do número de aposentados, refletir sobre a aposentadoria e o trabalho na pós-aposentadoria torna-se imprescindível. O presente estudo teve como objetivo analisar as perspectivas da literatura sobre os dois temas citados no período entre 1994 e 2014. Foi constatado que a aposentadoria ainda é vista como um momento negativo para a pessoa idosa. Por sua vez, o trabalho na pós-aposentadoria tem uma visão positiva que engloba perspectivas como lazer, prazer e manutenção da saúde psicossocial. Tem, também, perspectivas negativas como vir a ser uma ocupação mal remunerada e pouco qualificada. De forma geral, o trabalho na pós-aposentadoria foi apontado como fator importante para a saúde psicossocial da pessoa idosa. Os resultados deste estudo apontam para a necessidade de mais produções sobre os temas abordados ante a escassa literatura encontrada no período referido.

Palavras-chave: Terceira idade; Aposentadoria; Trabalho na pós-aposentadoria; Envelhecimento.

Abstract

With the current growth of the elderly population and consequently the number of pensioners, reflecting on retirement and work on post-retirement becomes essential. This study aimed to analyze the prospects of the literature on the two issues mentioned in the period between 1994 and 2014. It was found that retirement is still seen as a negative moment for the elder. It has been found that retirement is still seen as a negative moment for the elder. In turn, work in post-retirement has a positive vision that encompasses perspectives as leisure, pleasure and maintenance of psychosocial health. It also has a negative perspective to become a low-paid and low skilled occupation. In general, work on postretirement was identified as an important factor for the psychosocial health of the elderly. The results of this study point to the need for more production on the topics covered at the scarce literature found in that period.

Keywords: Elderly; Retirement; Work in post-retirement; Aging.

1 INTRODUÇÃO

Terceira Idade é uma expressão que recentemente popularizou-se no vocabulário brasileiro de forma muito rápida. A expressão, de acordo com Laslett (1987), originou-se na França com a implantação, nos anos 70, das *Universités du T'roisième Âge*, sendo incorporada ao vocabulário anglo-saxão com a criação das *Universities of the Third Age* em Cambridge, na Inglaterra, em 1981.

* Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Salvador; e-mail: cielegentil2@hotmail.com

** Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Salvador; e-mail: carol.bastos@hotmail.com

*** Psicólogo, doutor em Psicologia e docente da Universidade Salvador; e-mail: rui.diamantino@pro.unifacs.br

**** Psicóloga, mestra em Psicologia e docente da Universidade Salvador; e-mail: ana.garcia@unifacs.br

O reconhecimento dessa expressão deve-se principalmente ao considerável crescimento da população idosa no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Segundo a OMS, até 2025 o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos. De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde – Opas – OMS, entre 1980 e 2000 a população com 60 anos ou mais cresceu 7,3 milhões, totalizando mais de 14,5 milhões em 2000. Esse aumento significativo tem sido provocado pelo decréscimo das taxas de natalidade e mortalidade no mundo inteiro, sendo esse último fator fruto da melhoria considerável da qualidade de vida de toda a população. O Ministério da Saúde afirma que há uma expectativa de que no ano de 2050, tanto no Brasil, bem como em todo o mundo, existirão mais idosos do que crianças e adolescentes abaixo dos 15 anos.

No entanto, apesar dos dados estatísticos comprovarem esse aumento considerável da população idosa, ainda é grande a desinformação sobre a saúde do idoso, as particularidades e os desafios do envelhecimento populacional para toda a sociedade.

De acordo com Martins e Rodrigues (2004), a valorização dos estereótipos projetada sobre a velhice uma representação social gerontofóbica e contribui para a imagem que os idosos têm de si próprios, bem como das condições e circunstâncias que envolvem a velhice. Tal conjuntura gera uma perturbação para as pessoas nesse ciclo de vida, visto que nega o seu processo de crescimento e as impedem de reconhecer as suas potencialidades, de procurar soluções precisas para os seus problemas e de encontrar medidas adequadas.

Segundo Peres (2007), o crescente envelhecimento populacional tem se tornado um problema social de grande importância para as sociedades capitalistas ocidentais, em âmbito mundial, tornando-se uma questão social. Nesse contexto, o tema da aposentadoria ganha significância. De acordo com a ONU em 1982, o limite cronológico para o início da chamada terceira idade toma por base a idade da aposentadoria estabelecida na maioria dos países (CARLOS, 1999). Tal limite induz a uma associação equivocada entre velhice e aposentadoria, em que o velho não é mais visto como um produtor de bens e serviços e, dessa forma, acaba perdendo o seu valor produtivo. Sendo assim, essa faixa da população sente-se desvalorizada e com autoestima baixa ao perder o *status* de “ser produtivo”, seja pela aposentadoria, pelo fato de estar desempregado, ou pela redução do seu poder aquisitivo com a respectiva diminuição do padrão de vida.

O reingresso do idoso no mercado de trabalho, quase sempre com o objetivo de suprir necessidades financeiras, ocorre, na maioria das vezes, em situação menos vantajosa e mais

precária do que a anterior. Dessa forma, o trabalho na pós-aposentadoria é visto como a busca da continuidade do indivíduo no campo do trabalho seja ele formal ou informal.

Tendo em vista o que foi acima apresentado, o estudo buscou responder à seguinte questão: quais são as perspectivas apontadas pela literatura sobre a aposentadoria e sobre o trabalho na pós-aposentadoria para as pessoas na terceira idade? Teve por objetivo apontar quais as perspectivas sobre a aposentadoria e o trabalho após a mesma por pessoas na terceira idade. Para tanto, foi empreendida uma revisão da literatura publicada no Brasil a partir de artigos indexados em bases de publicações acadêmicas, para se delinear o que a gerontologia brasileira aborda sobre esse tema de grande densidade e importância social.

2 MÉTODO

O presente trabalho foi elaborado por meio de uma revisão bibliográfica, constituída por pesquisas de artigos científicos produzidos nos últimos vinte anos, ou seja, entre 1994 e 2014, que abordassem o tema. A base de buscas foi o Google Acadêmico (*Google Scholar*). Esse buscador abrange considerável parte das produções acadêmicas disponíveis ao público, sem a necessidade de acesso privado. Isso implica que os autores tiveram o interesse de saber o quanto o conhecimento do tema estudado está disseminado de forma aberta e acessível aos interessados. As chaves de buscas utilizadas foram: “Terceira idade”; “Trabalho na terceira idade”; “Trabalho e aposentadoria”; “Idosos e aposentadoria”; “Trabalho na pós-aposentadoria”.

Para a seleção das fontes, foram incluídas as produções que abordassem a relação entre trabalho, terceira idade e aposentadoria. Nesse sentido foram selecionados apenas 16 artigos que atenderam aos critérios desejados no estudo, indicando a escassez da literatura sobre um tema de relevâncias social e acadêmica inegáveis, por se tratar de uma questão emergente relacionada ao envelhecimento no Brasil e no mundo. A seleção ocorreu após a leitura inicial do resumo de cada artigo e, no caso da pertinência do mesmo, da análise do seu conteúdo para a construção do que foi objetivado pelo estudo.

Decorreu, então, que a análise das produções sobre o tema apontaram duas perspectivas: uma referente à como é concebida a aposentadoria para pessoas idosas e a outra, como é concebido o trabalho na pós-aposentadoria nesse ciclo de vida. Portanto, os resultados a seguir descrevem as perspectivas construídas a partir dos achados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história do trabalho começou quando o homem buscou os meios para a satisfação de suas necessidades e que essa busca se reproduziu historicamente através de toda a sua ação humana para a sobrevivência. É certo, também, que essas necessidades se ampliaram e se propagaram entre os homens, criando organizações técnicas e relações sociais que acabaram por determinar a condição histórica do trabalho. Na língua portuguesa, aposentar-se corresponde etimologicamente à hospedagem, abrigo nos aposentos. Em inglês e francês, também remetem a noção de retirar-se, afasta-se da vida ativa. Todos esses significados se consolidam com a separação entre o espaço doméstico e o espaço do trabalho, a partir da implantação do sistema de fábrica (CARLOS et al., 1999).

De acordo com Beauvoir (1990), desde o início da industrialização a sociedade capitalista sempre excluiu os idosos. Pelo fato de cada vez mais os indivíduos serem reconhecidos apenas por seu valor produtivo, os idosos fisicamente debilitados tornavam-se figuras desinteressantes aos olhos da classe empresarial do Estado. Dessa forma, muitos trabalhadores idosos, excluídos do trabalho industrial, viviam uma condição de miséria e marginalidade social, pois, até meados do século XIX não havia sequer um sistema de proteção que lhes garantisse a sobrevivência na velhice.

Seria somente em meio às reivindicações dos movimentos operários por melhorias de condições de vida e trabalho, que a aposentadoria surgiria em alguns países europeus, no final do século XIX e início do século XX (PERES, 2007). O sistema de aposentadoria pode ser considerado, assim, como a primeira política pública (ou direito) socialmente abrangente destinada à população idosa ao longo da história do capitalismo.

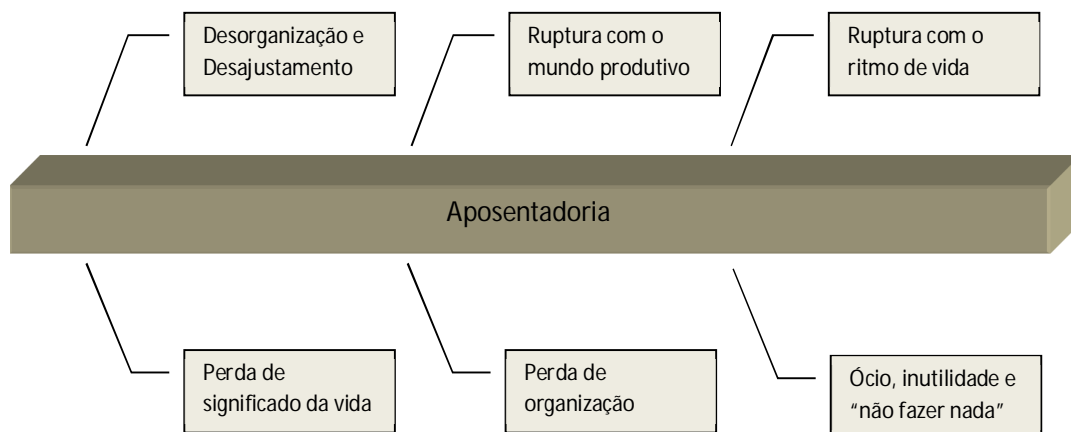
3.1 Perspectivas sobre a aposentadoria na terceira idade

Para muito idosos a aposentadoria aparece como fator de desorganização e desajustamento, requerendo, para o sujeito, uma preparação especial a fim de enfrentar esse novo tempo com saúde e alegria, encontrando meios de recomeçar, fazer projetos, manter-se operando como sujeito do seu destino e agente na família e na sociedade (PANOZZO; MONTEIRO, 2013). Conseqüentemente, a aposentadoria não é sinônima de decadência, pobreza e doença, mas um tempo privilegiado para atividades livres dos constrangimentos do mundo profissional e familiar.

Com o prolongamento da expectativa de vida, a cada um é dado o direito de vivenciar uma nova etapa relativamente longa, um tempo de lazer em que se elaboram novos valores coletivos. Para Laslett (1987), a invenção da terceira idade indicaria uma experiência inusitada de envelhecimento, cuja compreensão não pode ser reduzida aos indicadores de prolongamento da vida nas sociedades contemporâneas. De acordo com esse autor, essa invenção requer a existência de uma "comunidade de aposentados" com peso suficiente na sociedade, demonstrando dispor de saúde, independência financeira e outros meios apropriados para tornar reais as expectativas de que essa etapa da vida é propícia à realização e satisfação pessoal (DEBERT, 1997).

Para alguns estudiosos do tema, a aposentadoria representa uma ruptura com o mundo produtivo do trabalho e com um ritmo de vida, mantido por trinta ou mais anos. Em uma sociedade na qual o trabalho e a produção são tidos como valores fundamentais (LIMA, 1986, apud MOURÃO; ANDRADE, 2001), a aposentadoria é frequentemente sentida como a perda do próprio significado da vida, como perda de um ponto de referência na sua organização. Isso porque o trabalho determina horários, atividades, relacionamentos, status e reconhecimento social, padrão de vida e relações com o tempo livre. Não por acaso, a aposentadoria – geralmente tão ansiada durante a vida laboral – ao se concretizar acena com tantas perdas. Em especial, a de um papel que, por muito tempo, fez parte da imagem e da definição da pessoa sobre si mesma (SELIG; VALORE, 2010). O senso comum relaciona a aposentadoria ao ócio, à inutilidade, ao não fazer nada, o que leva muitas pessoas a não aceitarem a aposentadoria e a viverem com conflitos e ansiedade, sobretudo para aqueles que priorizaram a profissão em detrimento da vida pessoal e social.

Figura 1 - Perspectivas relacionadas à aposentadoria na terceira idade conforme a literatura.



A Figura 1 apresenta perspectivas bastante negativas da aposentadoria que se configuram como o fim de um ciclo de vida que destinaria a pessoa do idoso a uma posição social e individual de desvalia e perdas na autoestima. Essas perspectivas refletem, ainda, as dificuldades de se pensar no trabalho continuado na terceira idade que, sem dúvidas, persiste na sociedade, principalmente aquelas de economias vulneráveis e de baixas garantias sociais.

Porém, a possibilidade de se planejar uma vida produtiva também entra em perspectiva, embora apontada na literatura consultada de forma ainda tímida, como em Mourão e Borges-Andrade (2001) e Panozzo e Monteiro (2013). Porém, é um bom começo para se perceber as oportunidades de vida laboral na terceira idade.

3.2 Perspectivas sobre o trabalho na pós-aposentadoria na terceira idade

O trabalho na pós-aposentadoria é visto pela sociedade em duas formas basicamente antagônicas. A primeira é da não continuidade laboral, o que acarretaria um sentimento de “não saber o que fazer”, salvo as habilidades do antigo trabalho. A outra forma é a daqueles que fazem do trabalho um lazer em outras atividades que não as anteriormente exercidas (KHOURY, 2010).

Contudo, o lugar do aposentado vem mudando ao longo do tempo, mostrando de forma real a volta do aposentado ao trabalho informal dentro de empresas e instituições prestando serviços. Muitos empreendem o seu próprio negócio por necessidade não só de aumentar a renda e, sim, como uma forma de estar satisfeito por fazer o que gosta obtendo uma melhor qualidade de vida. Logo, o trabalho pode ser fonte de prazer ou apenas uma forma de sobrevivência para a pessoa idosa.

Nem todos os trabalhadores tiveram a oportunidade de escolher suas profissões ou mesmo de ter um trabalho satisfatório. Assim, há a importância de se pensar em trabalhos que sempre foram desejados, mas, não realizados em função do retorno financeiro. Porém, na pós-aposentadoria eles podem ser realizados (CINTRA et al., 2010).

De acordo com Camarano (2001), diante dos resultados obtidos pelo PEA (População Economicamente Ativa), foi analisado a partir de homens e mulheres aposentados e não aposentados, uma maior cobertura do benefício previdenciário e aumento da longevidade, conjugada com melhores condições de saúde. Isso permite que uma pessoa ao atingir os 60 anos possa, com facilidade, exercer uma atividade econômica. Foi observado que a participação do idoso no mercado de trabalho é importante não só em termos de seu impacto na PEA, mas também para o aumento da sua renda familiar.

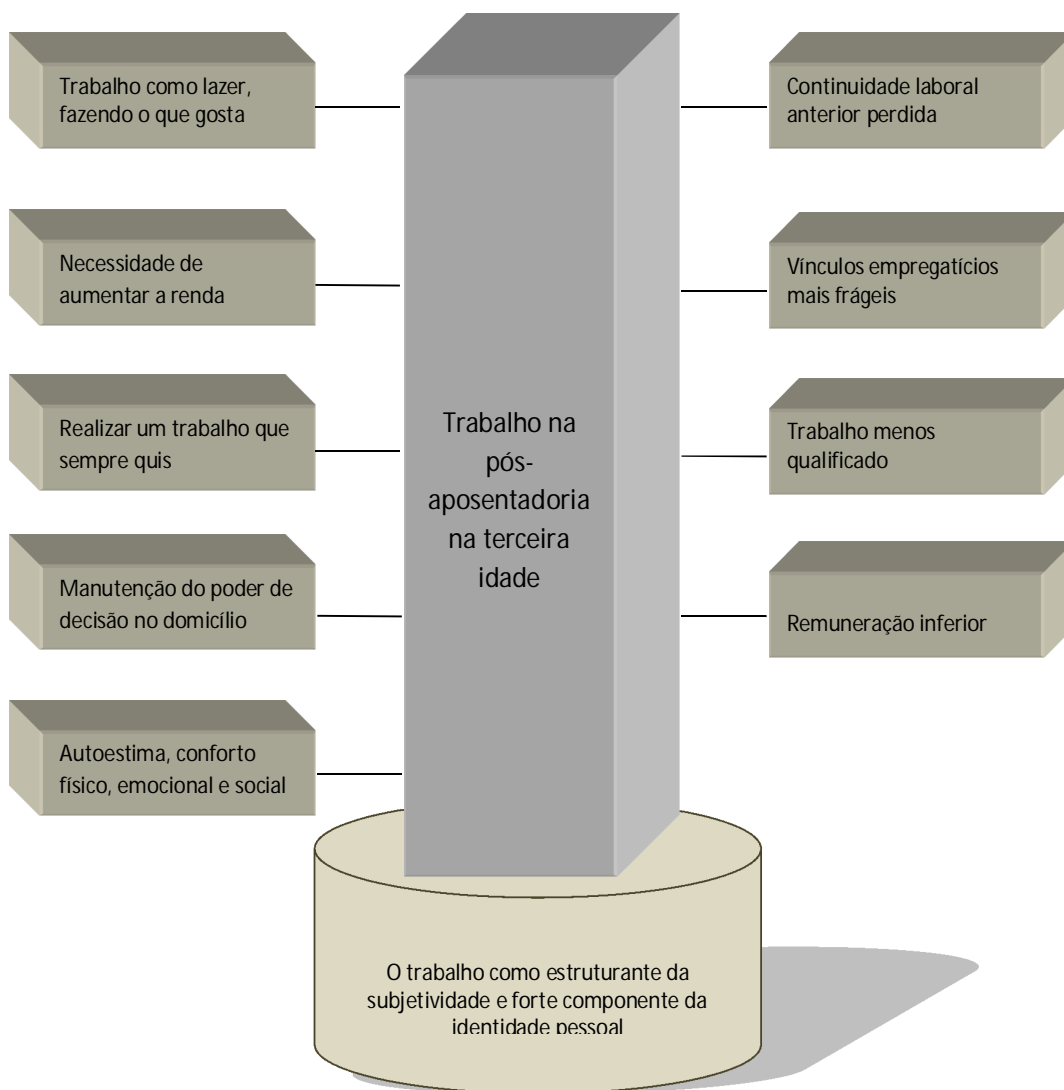
Nessa perspectiva, Kreling (2001), diante da Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre, afirma que a inserção do idoso no mercado de trabalho geralmente se dá em condições mais desfavoráveis: vínculos empregatícios mais frágeis, postos de trabalho menos qualificados e remuneração inferior. No caso da mulher idosa as formas de inserção na força de trabalho ocorrem em condições ainda mais desfavoráveis, se comparadas com as dos trabalhadores masculinos idosos. Porém, as idosas são mais “favorecidas” ao se disporem a exercer o trabalho informal como cuidar da casa e dos netos, tricotar para vender, ou seja, têm mais opções de aliar o trabalho ao lazer. Ao contrário, os idosos homens teriam dificuldades em deixar de exercer um trabalho formal.

Há indicativos de que o poder econômico dos idosos reflete-se nas relações intergeracionais no domicílio, nas quais esses aposentados são proprietários das residências em que vivem, cedendo espaços de moradia para seus filhos e netos. Nesta condição o idoso trabalhador assume uma identidade diferente daquela do aposentado e possui o poder de decisão no domicílio, mantendo o orgulho do seu trabalho e fazendo questão de não serem excluídos das decisões familiares (COUTRIM, 2006).

Há também evidências de que, cada vez mais, as pessoas vão envelhecendo com melhores condições socioeconômicas, fato que as levam a buscarem, de toda forma, novo sentido para o rumo de suas vidas, inclusive novas formas de realizar e pensar sobre o trabalho (RODRIGUES; SOARES, 2006). Desse modo, o trabalho ocupa uma posição de especial importância pelo que representa como estruturante da subjetividade e forte componente da identidade pessoal. O trabalho é a construção da identidade do indivíduo, em que revigora a alma, engrandece a autoestima, fornecendo assim conforto físico, emocional e social. Para os idosos, esse conceito não se torna diferente nem menos importante (GIATTI, 2003).

A Figura 2 adiante mostra as perspectivas positivas (à esquerda da figura) e as negativas (à direita) captadas na literatura consultada. Conforme esta, não se pode deixar de ter por base a centralidade do trabalho na vida humana (MOURÃO; BORGES-ANDRADE, 2001), ou seja, essa centralidade é o que orienta, também, as perspectivas do labor continuado na velhice.

Figura 2 - Perspectivas relacionadas ao trabalho na pós-aposentadoria na terceira idade conforme a literatura



Observa-se na Figura 2 que os aspectos da continuidade do trabalho na terceira idade estão relacionados a aspectos pragmáticos e não somente de realização pessoal. O aumento de renda e a possibilidade de intervir nas decisões familiares requerem a imagem de um idoso trabalhador tal como em fases anteriores de vida. Mesmo que os pais e avós idosos sejam proprietários da moradia que acolham filhos e netos como dependentes, a imagem da produtividade será o fiador da autonomia e do poder de decisão sobre si e sobre as dinâmicas familiares.

Por outro lado, aspectos de caráter mais subjetivos são motivadores da continuidade laboral na velhice. Esses aspectos podem estar ligados ao de natureza pragmática referidos acima. Mas, quando se pensa na aposentadoria como fonte de renda satisfatória, sem implicar

nos imperativos do poder aquisitivo, a continuidade do trabalho na pós-aposentadoria vem a representar realizações de natureza quase que estética, porque, quase sempre, articuladas ao prazer de realizações que não foram possíveis em fases anteriores da vida (XIMENES; COUCONE, 2009).

A Figura 2 aponta aspectos negativos (direita da figura) que refletem não somente a precarização generalizada do trabalho no Brasil (e no mundo), como, também, pela visão que possíveis empregadores possam ter da pessoa idosa como mão de obra desqualificada para os desafios em atividades organizacionais contemporâneas que envolvam, por exemplo, tecnologias da informação. Isso pode estar sendo indicado pela literatura quanto ao trabalho menos qualificado e à remuneração inferior.

No entanto, dentro de uma abordagem mais positiva sobre as possibilidades do trabalho na velhice, não se pode deixar de pensar que essa pode ser uma deformação do mercado de trabalho, desde que, a experiência de vida e a capacidade de resolver problemas na terceira idade não estão necessariamente comprometidas. Ao contrário, o conceito de inteligência cristalizada, comumente mais associada à pessoa idosa, ao contrário do que se pode pensar pelo seu nome, indica o acúmulo de saberes que podem ser aplicados de forma muito eficiente na resolução de problemas mais complexos nas organizações. Isso, porque, a inteligência cristalizada inclui experiências de longos percursos e suas correlatas resultantes.

Quanto à aquisição de novos conhecimentos para o mundo do trabalho contemporâneo, a educação permanente proporcionada pelas universidades e faculdades da terceira idade apoia cada vez mais às pessoas nesse ciclo de vida a adquirirem habilidades no trato com novas tecnologias. Com isso, os aspectos negativos indicados pela literatura quanto ao trabalho na pós-aposentadoria podem estar relacionados a inadequações das políticas públicas de inserção da pessoa idosa no circuito produtivo.

No entanto, mesmo com obstáculos para a ocupação de postos de trabalhos formais, a população idosa vem demonstrando determinação, encorajamento e força de vontade para realizar novas atividades que acarretem satisfação, alegria e prazer gerando bem estar físico, mental, social, espiritual e ambiental (XIMENES; COUCONE, 2009). Além disso, a inserção do aposentado no mercado de trabalho vem ressaltando a importância das suas experiências acumuladas em suas trajetórias profissionais no sentido de ajudar aos trabalhadores mais jovens a lidar com situações e desafios que requerem mais reflexão, ponderação e maturidade para a tomada de decisões seja nas empresas, seja em atividades como profissionais autônomos.

Assim, o idoso tem a possibilidade de mostrar suas habilidades, competências e atitudes laborais no mercado de trabalho. Porém, não se pode esquecer que, para tanto, ou seja, para exercer a capacidade de trabalhar, é preciso uma boa estrutura ambiental onde haja bem estar e qualidade compatíveis com as necessidades das pessoas idosas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo investigar quais as perspectivas sobre aposentadoria e trabalho na pós-aposentadoria em publicações no Brasil do período compreendido entre 1994 e 2014. A relação entre esses dois temas é estreita, desde quando, aposentar-se sempre foi indicativo do fim das atividades laborais. Com o aumento da longevidade e da população idosa no Brasil e no mundo, estão ocorrendo mudanças sobre o aposentar-se. Entre essas mudanças há a continuidade do trabalho para o idoso na pós-aposentadoria.

A revisão de literatura propiciou o estabelecimento de duas perspectivas: a aposentadoria na terceira idade e o trabalho na pós-aposentadoria neste ciclo de vida. Quanto à aposentadoria, verificou-se que é um momento carregado de perspectivas negativas, muito embora haja crescentemente o empenho de muitas organizações e das pessoas em planejar-se para a pós-aposentadoria visando à continuidade de uma vida produtiva (FRANÇA, 2010).

Também foi constatado que o trabalho na pós-aposentadoria é visto pela sociedade em duas vertentes: uma, na qual as pessoas ressentem-se da perda da continuidade do que faziam antes, o trabalho oferecido é pouco qualificado, mal remunerado e com vínculos precários com o empregador; outra, na qual o trabalho se torna uma forma de lazer, aumento de renda, possibilidade de continuar a ter voz ativa nas dinâmicas e de manter aspectos psicossociais que propiciam a saúde de forma global.

A literatura consultada demonstrou que o trabalho continua sendo o eixo central da vida de considerável parte das pessoas idosas tanto quanto o foi na juventude. Dessa forma, a base da percepção positiva ou negativa do trabalho na pós-aposentadoria é a de que o trabalho é concebido como estruturante da subjetividade e forte componente da identidade pessoal. Trabalhar ou não na pós-aposentadoria relaciona-se com essa base e tem reflexos importantes para a saúde física e psíquica do idoso.

Ao final das presentes considerações, ressalta-se que os resultados desse estudo devem ser considerados de forma relativa e inconclusiva. Efetivamente, foi notado o baixo índice de

publicações empíricas e teóricas no período entre 1994 e 2014: os achados que atenderam ao que visava o estudo estiveram presentes em apenas 16 artigos indexados. Com isso duas pontuações não podem ser deixadas de lado: a primeira, na qual fica evidente a escassa produção encontrada no Brasil sobre os dois temas aqui discutidos; a segunda, que aponta para a necessidade de novos estudos para validar as perspectivas aqui coligidas.

Muito embora os aspectos limitadores aventados acima, o artigo teve a possibilidade de apontar que o idoso, mesmo depois de aposentado, pode exercer atividades produtivas e prazerosas, continuar a ajudar no sustento da família e manter-se com saúde física e psíquica por sentir-se útil e produtivo na velhice. Isso significa que a visão do envelhecimento como fator restritivo para uma vida com qualidade vai sendo desfeita, na medida em que se demonstra que a terceira idade tem importantes potenciais a serem aproveitados no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. A **velhice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CAMARANO, A. A. O idoso no mercado de trabalho brasileiro. **Texto para a discussão n.º. 830 – IPEA**, Rio de Janeiro, outubro, 2001.

CARLOS, S. A. et al. Identidade, aposentadoria e terceira idade. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 1, pp. 77-89, 1999. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/4653/2569>>. Acesso em: 02 setembro de 2014.

CINTRA, T. S. et al. O cotidiano de aposentados que continuam trabalhando de maneira informal na indústria calçadista: percepções sobre a aposentadoria e o trabalho atual. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 277-287, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v13n2/v13n2a09.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2014.

COUTRIM, R. M. da E. Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 367-390, maio/ago, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v21n2/a04v21n2.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2014.

DEBERT, G. G. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n. 34, p. 39-56, 1997. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_03>. Acesso em: 02 set. 2014.

FRANÇA, L. Resenha da obra “Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho: construção de projetos para o pós-carreira”. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**,

v. 10, n. 2, jul-dez, 2010. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/22217>>. Acesso em: 25 maio 2014.

GIATTI, L.; BARRETO, S. Saúde, trabalho e envelhecimento no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, pp. 759-771, mai-jun, 2003. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/csp/v19n3/15879.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2014.

KHOURY, H. T. T.; MATOS, A. P. Por que aposentados retornam ao trabalho? O papel dos fatores psicossociais. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, p. 147-165, jun. 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/4867/3448>>. Acesso em: 21 maio 2014.

KRELING, N. H. Gênero e trabalho na terceira idade. **Mulher e Trabalho**, Porto Alegre, v. 1, 2001, p. 97-104. Disponível em:
<<http://revistas.fee.tche.br/index.php/mulheretrabalho/article/viewFile/2672/2994>>. Acesso em: 02 ago. 2014.

LASLETT, P. The emergence of third age. **Ageing and Society**, Cambridge, UK, v. 7, *issue 02, june*, p. 133-160, 1987. DOI: <http://dx.doi.org/doi:10.1017/S1368980008002541>.

MARTINS, R.M.L.; RODRIGUES, M.L.M. Estereótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica. **Revista Millenium**, v. 29, jun., 2004. Disponível em:
< <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium29/32.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2014.

MOURÃO, L.; BORGES-ANDRADE, J. E. Significado do trabalho: caminhos percorridos e sinalização de tendências. **Revista de Estudos Organizacionais**, v. 2, n. 2, p. 59-76, 2001.

PANOZZO, E. A. L.; MONTEIRO, J. K. Aposentadoria e saúde mental: uma revisão de literatura. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 16, n. 2, p. 199-209, 2013. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S151637172013000200005&script=sci_arttext>. Acesso em: 01 out. 2014.

PERES, M.A.C. **Velhice, trabalho e cidadania: as políticas da terceira idade e a resistência dos trabalhadores idosos à exclusão social**. 2007. 372 f. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo (USP) – Departamento de Filosofia da Educação e Ciência da Educação. São Paulo. 2007. Disponível em:
<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-08102007-111017/pt-br.php>>. Acesso em: 20 out. 2014.

RODRIGUES, L. de S.; SOARES, G. A. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. **Revista Ágora**, v. 4, p. 1-29, 2006. Disponível em:
<<http://www.pucgoias.edu.br/ucg/unati/ArquivosUpload/1/file/Artigos%20e%20Cap%C3%A9Dtulos%20de%20Livros/Velho,%20idoso%20e%20terceira%20idade%20na%20sociedade%20contempor%C3%A2nea.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2014.

SELIG, A.; VALORE, L. A. Imagens da aposentadoria no discurso de pré-aposentados: subsídios para orientação profissional. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 13 n.

1. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v13n1/v13n1a07.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2014.

XIMENES, M. A.; COUCONE, M. H. V. B. Velhice e trabalho: uma relação possível? **Revista Kairós**, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2681/1726>>. Acesso em: 25 maio 2014.